

A FORMAÇÃO DOS ESCRIBAS ENTRE OS EGÍPCIOS ANTIGOS¹

Moacir Elias Santos²

Resumo: Por meio de algumas fontes deixadas pelos egípcios é possível compreendermos como era valorizado o ofício e como funcionava a formação dos escribas no Egito faraônico.

Palavras Chave: Egito Antigo, Escribas, Ensino

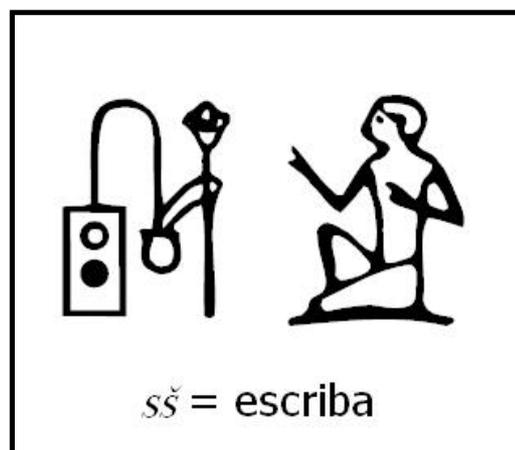
Um antigo texto didático, originalmente datado da XII Dinastia mas conhecido por meio de diversas cópias, dentre as quais destacam-se as versões completas da XIX Dinastia do Papiro Salier II e do Papiro Anastasi VII, ambos do Museu Britânico, e mais de duas centenas de óstracos, que conservam fragmentos da história, nos fornece alguns dados sobre o ensino no antigo Egito. Conhecida como *Sátira das Profissões*, a obra consiste nos ensinamentos de um pai, chamado Kheti, para seu filho, Pepy, durante uma viagem para a escola da corte. O jovem tornar-se-ia parte de uma categoria muito prestigiada, a dos escribas, mas também teria inúmeras responsabilidades ao longo de sua carreira. A palavra escriba, na língua egípcia “sesh”, não se refere apenas a uma profissão propriamente dita, mas a um título que era conferido aos que sabiam ler e escrever e trabalhavam diretamente com esta ocupação. Na língua egípcia o substantivo “escriba” era grafado com um hieróglifo que representava o equipamento utilizado na escrita, que consistia numa paleta com tinta preta e vermelha, com uma cavidade para guardar a pena ou pincel, produzida a partir de uma haste de um junco (*Juncus maritimus*), e um godê ou recipiente para água, acompanhado por um determinativo da imagem de um homem sentado (figura 1). Este título combinado com outras palavras referia-se a várias especialidades que, a exemplo do Reino Novo, se multiplicavam dada a complexidade da administração estatal. Entre os mais comuns que figuram em inscrições provenientes de diversos suportes estavam “Escriba

¹ Artigo originalmente publicado no Jornal *Phília*, do Núcleo de Estudos da Antiguidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Referência: SANTOS, M. E. A formação dos escribas entre os egípcios antigos. *Phília*: Jornal Informativo de História Antiga. Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 38, p. 6-7, abr/ mai/ jun. 2001.

² Doutorando em História Antiga pelo PPGH-UFF; Membro do Grupo de Estudos Egíptológicos Maat do CEIA-UFF; Coordenador do curso de especialização em História Antiga e Medieval das Faculdades Itene – Curitiba.

Real”, “Escriba do Duplo Tesouro”, Escriba Contabilista”, “Escriba do Templo de Amon” e “Escriba do Lugar da Verdade”, além de muitos outros.

Figura 1 – A palavra “escriba” formada pelo equipamento de escrita com o determinativo masculino.



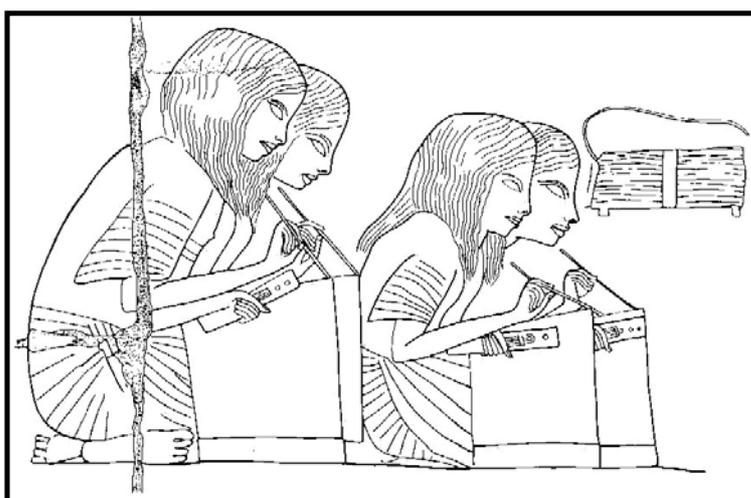
O destaque que recebiam estes funcionários foi salientado por Kheti na história: “Um escriba, em qualquer cargo da Residência, jamais sofrerá padecimento nela, ao passo que se obedecer a ordem de outro não ficará satisfeito. Não vejo uma profissão como a de escriba (...) É a mais importante das ocupações, não há outra como ela no Egito”³. Ao longo do trajeto o pai instrui o filho sobre a importância dos estudos e, para que este percebesse a sua vantagem, compara o ofício do escriba com outras dezoito atividades que, segundo a ordem do texto são as de ferreiro, marceneiro, joalheiro, barbeiro, colhedor de papiro, oleiro, pedreiro, carpinteiro, hortelão, lavrador, tecelão, fabricante de flechas, mensageiro, fornalheiro, sapateiro, lavadeiro, passarinho e pescador. Para cada uma delas, o pai expõe a dura realidade cotidiana destes trabalhos, desde o desgaste físico proporcionado pela atividade aos perigos a que eram expostos, a exemplo de animais selvagens e estrangeiros. Ele menciona: “Vi muita gente humilhada, (por isso) abre teu coração para os livros! Observei os forçados (à fadiga) dos trabalhos manuais: eis que nada é melhor do que (trabalhar com) livros, é como uma barca (deslizando) na água!”

O aprendizado dos escribas realizava-se na “Escola dos Livros” ou “Escola do Palácio”. Neste local os jovens estudantes, fossem eles príncipes, filhos de dignitários ou mesmo, durante o Reino Novo, egípcios com status social mais baixo, eram igualmente educados. Uma instituição denominada “Casa da Vida”, em egípcio “per-ankh”, que ficava anexa aos grandes templos do país, a exemplo de Saís, Mênfis, Akhetaton, Abydos, Tebas, Edfu, entre outros, servia como uma instituição cultural destinada, talvez, a estudos mais avançados. Outro espaço que foi de suma importância para o aprendizado foi a “Casa dos

³ Todas as citações são da obra de Emanuel Araújo presente nas referências.

Rolos de Papiro”, em egípcio “per-medjat”, que funcionava como uma biblioteca, garantindo a preservação de textos originários da Casa da Vida, de maneira que pudessem ser consultados e copiados, embora nem sempre as cópias tenham permanecido em bom estado. O faraó Shabaka, da XXV Dinastia, durante uma visita ao tempo de Ptah em Mênfis, encontrou um importante papiro com uma versão da ascensão de Hórus ao trono egípcio e do mito cosmogônico de Ptah corroído pela ação de insetos. Preocupado com a perda do texto religioso ele mandou copiá-lo em uma peça de pedra, que atualmente encontra-se no Museu Britânico.

Os aprendizes da escrita, que ingressavam na escola em tenra idade, por volta dos cinco anos, e continuavam até a pré-adolescência, deveriam aprender a escrever, ler e a realizar pequenos cálculos. Nesta primeira fase o treinamento era aplicado por professores, escribas profissionais e sacerdotes que não se encontravam a serviço do culto templário. Incentivava-se a cópia de textos que na atualidade são classificados como Literatura Fantástica, Aventuresca e Gnômica, úteis para instruí-los sobre sua conduta e o modo de vida, seguindo o princípio de Maat que regia o mundo egípcio. Como suporte para estas cópias os jovens estudantes empregavam lascas de calcário ou fragmentos de cerâmica (óstracos) além de tábuas de madeira, estucadas ou pintadas de branco e enceradas, que poderiam ser reutilizadas em suas tarefas. Tais estudantes raramente teriam como praticar a escrita em um papiro, obtido a partir do caule da planta (*Cyperus papyrus*) do mesmo nome, visto que se tratava de um material caro e de difícil confecção. Este só era destinado àqueles que já possuíam a experiência e o conhecimento necessários com o pleno domínio



das regras de sintaxe e da ortografia (figura 2).

Figura 2 – O trabalho dos escribas na administração. Desenho de linha de um relevo na tumba do general Horemheb, final da XVIII Dinastia. Referência: PARKINSON R. & QUIRKE, S. *Papyrus*. London: British Museum Press, 1995. p. 36.

O aprendizado dos jovens era cansativo e os estudantes não escapavam de castigos físicos. O papiro Anastasi III conservou uma passagem onde um mestre, ao mesmo tempo em que aconselha, ameaça o seu aprendiz: “Escreve com tua mão, discute com os mais sábios que tu... Fica-se destro exercitando-se todo dia. Se fores negligente um só dia, serás espancado com o bastão. A orelha do jovem está em suas costas: ele só ouve a quem lhe bate. Ensinam-se os macacos a dançar, adestram-se os cavalos, pega-se o milharfe no ninho, faz-se voar o falcão. Não esqueças que se progride discutindo. Não negligencies a escrita”.

Os estudantes mais avançados, que se encontravam entre 16 e 18 anos, direcionavam-se para suas atividades futuras. A exigência de um cargo, como o do “Escriba Real”, obrigava uma dedicação ímpar, com o domínio das formas de escrita egípcia (hierática, hieroglífica e demótica) e, em certos períodos, uma forma estrangeira, a exemplo dos escribas bilíngues que traduziam cartas escritas em cuneiforme, oriundas das relações diplomáticas principalmente dos reinados de Amenhotep III e de Akhenaton, durante o Reino Novo. Outros, conforme sua área de interesse, poderiam passar por uma complementação em diversos campos do conhecimento, como a matemática, a geometria, a astronomia, a geografia e a medicina. Diversas escolas acabavam por especializar-se em uma determinada área, tal como Saís, que se tornou um importante centro na formação de médicos. A estes estudantes devemos muito do nosso atual conhecimento sobre textos de diversas áreas, visto que no processo de aprendizado, desde os mais jovens aos mais avançados, a intensa produção de cópias permitiu a sobrevivência dos mesmos, cujos originais não se conservaram, ou mesmo serviram para completar passagens que estavam perdidas nos documentos principais.

Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, E. *Escrito para a eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

BAKOS, M. A formação do escriba no antigo Egito In: BAKOS, M. M.; CASTRO, I B.; PIRES, L.A. (Orgs.). *Origens do ensino*. Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 139-160.

ROCATTI, A. O Escriba In: DONADONI, S. (Org). *O homem egípcio*. Lisboa: Editorial Presença, 1994, p. 59-78.